

CONCEITOS-CHAVE da Bíblia

DAVID GOODING & JOHN LENNOX



Conceitos-Chave da Bíblia

David Gooding
&
John Lennox

A Verdade
2016

Conceitos-Chave da Bíblia

Originalmente publicado em 1993-94, como uma série de artigos no jornal de professores russos, Uchitelskaya Gazeta.

Original em inglês: Key Bible Concepts, Copyright © The Myrtlefield Trust, 1994. Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © The Myrtlefield Trust, 2012. Todos os direitos reservados.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Para outras publicações dos Professores Gooding e Lennox, por favor visite o site: www.keybibleconcepts.org

Publicado em português com a devida autorização por:
A Verdade
www.editoraverdade.com.br

Traduzido por Bruna Luiza Becker

Primeira impressão 2012
Segunda impressão 2013
Terceira impressão 2014
Quarta impressão 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G647c Gooding, David
Conceitos-chave da Bíblia / David Gooding,
John Lennox. -- Porto Alegre : A Verdade, 2012.
176 p. : 12 cm x 19 cm
ISBN 978-85-64006-08-9
1. Bíblia – Termos técnicos. I. Lennox,
John. II. Título.

CDU 27-23

Bibliotecária responsável: Lueci da Silva Silveira CRB/10-2023

Sumário

Prefácio	5
1. Introdução	7
2. Santidade: A Majestade, a Pureza, a Beleza e o Amor de Deus	17
3. O Pecado: A Doença, os Sintomas e a Cura	27
4. Reconciliação: O Caminho para a Paz	37
5. Justificação: Acertando as Contas com a Justiça	47
6. Redenção e Resgate: O Preço da Liberdade	57
7. A Vida Eterna: Aqui e Agora	67
8. Arrependimento: Muito mais do que Sentir Remorso	77
9. Fé: Não é um Salto no Escuro	87
10. Fé: Uma Resposta às Evidências (Parte 1)	97
11. Fé: Uma Resposta às Evidências (Parte 2)	107
12. Fé: Uma Questão de em Quem Confiar	117
13. Santificação: Tal Pai, Tal Filho	127
14. Santificação: Filiação e não Escravidão	137
15. O Julgamento Final: As Exigências da Justiça	147
16. O Julgamento Final: A Bondade e a Severidade de Deus	157
17. Salvação: O Grande e Amplo Termo	167

Site da Ciência e da Fé Cristã

Visite o site do Professor John Lennox (JohnLennox.org), no qual você irá encontrar apresentações e debates em vídeo sobre o tema “Ciência e a Fé Cristã”.

Prefácio

A Bíblia teve um impacto mais profundo no mundo do que qualquer outro volume sequer. Nenhum livro é mais amplamente estimado, ou mais mal interpretado, mas existem chaves para a compreensão de suas verdades. Este livro trata dos termos técnicos que a Bíblia usa, a fim de definir suas doutrinas básicas.

Na Bíblia, há uma grande quantidade de poesia, e diferentes pessoas respondem à poesia de diferentes formas emocionais e imaginativas. Porém, quanto às doutrinas básicas, a Bíblia as expressa através de termos técnicos cuidadosamente escolhidos que precisam ser interpretados e compreendidos com precisão, como acontece com os termos técnicos em qualquer outro assunto. O objetivo original deste livro era o de ajudar os leitores com relação a essa compreensão tão precisa, sem a qual o intento básico do Novo Testamento permaneceria obscuro e indistinto.

Os primeiros leitores deste material eram professores de escolas, faculdades e universidades, na Rússia pós-soviética, que estavam interessados em saber o que a própria Bíblia ensinava. Desde

sua publicação original, Conceitos-Chave da Bíblia foi publicado em chinês, inglês, malaio, norueguês, polonês e vietnamita (ver keybibleconcepts.org). Não somente professores profissionais, mas muitas outras pessoas, todos interessados tanto em estudar a Bíblia sistematicamente quanto em ensiná-la em muitas situações diferentes, escreveram para dizer que também acharam o material estimulante e útil.

Os autores acreditam que este volume atual virá a ser útil àqueles interessados em compreender e comunicar a mensagem atemporal da Bíblia no mundo moderno.

1

Introdução

Ninguém pode se considerar realmente educado sem alguma intimidade com a Bíblia, que exerceu e ainda exerce uma enorme influência sobre o pensamento mundial. Foi o primeiro grande livro a ser impresso e o primeiro a ser impresso em uma prensa de tipos móveis (numa tradução em latim na prensa de Gutemberg, em Mainz, na Alemanha, no ano de 1455). Nenhum outro livro foi lido por mais pessoas ou publicado em um número maior de idiomas do que a Bíblia.

Ao realizarmos sua leitura, podemos nos deparar com palavras e com conceitos que, embora sejam de algum modo familiares, não somos capazes de compreender de imediato, posto que estão presentes ali como termos técnicos. Isso não deveria diminuir nosso interesse, e sim, ao contrário, aumentá-lo. De fato, no mundo moderno, mais cedo ou mais tarde, todos nós teremos de aprender o significado de termos técnicos em uma ou mais áreas do conhecimento – e é na compreensão desses termos técnicos que está

o verdadeiro interesse. Um jovem que sonhe em se tornar um bom cozinheiro deve aprender a diferença entre assar, grelhar, fritar, escaldar e ferver e por que se deve usar um determinado processo com certos tipos de comida e outro processo com outros. Alguém que queira se tornar um mecânico precisa saber o que é um pistão, um carburador e um cilindro; ele precisa saber também a diferença entre um motor a gasolina e um motor a diesel, assim como para o que servem marchas, aceleradores e embreagens. E todos nós que queremos (ou temos de) aprender a usar um computador por qualquer que seja a razão nos deparemos com uma vasta gama de termos técnicos que devemos dominar.

Como em qualquer outro campo, é o confronto com os termos técnicos presentes na Bíblia que nos conduz não só a uma profunda compreensão desses termos, mas também a uma habilidade refinada de transmitir seus significados para os alunos em nossas aulas, abrindo-lhes, desse modo, uma janela para um mundo completamente novo.

Então, nessa série de artigos, iremos estudar esses termos técnicos e, nessa introdução, resumiremos brevemente o campo que iremos cobrir.

Não há ponto de partida mais lógico do que começarmos com Deus e, como um dos termos mais importantes que descrevem Deus é “santo”, devemos começar por aí. Entretanto, logo no início, poderemos encontrar uma objeção. “Eu não acredito em Deus” – diz alguém – “Então, não estou interessado em santidade, seja lá o que isso significa. Eu vivo minha vida sem reconhecer qualquer deus”.

Bem, essas são declarações muito interessantes. As duas primeiras certamente são muito críveis,

mas a terceira, de forma alguma, pode ser tomada como verdadeira. O peso da experiência humana ao longo dos séculos de história depõe contra ela. É claro que, no final, tudo depende de que significado se empreste à palavra “deus”. Ao longo do tempo, multidões de pessoas decidiram como Nietzsche que “Deus está morto” e, então, resolveram banir de suas mentes toda crença no único e verdadeiro Deus. Eles – até certo ponto – obtiveram sucesso, mas não sem um preço, pois, tão logo haviam concretizado isso, eles descobriram ser praticamente impossível viver intelectual e emocionalmente em um mundo sem deus. Deliberada ou inconscientemente, eles preencheram o vazio deixado pela expulsão do único e verdadeiro Deus com todo tipo de deus substituto.

Mesmo o ateu mais ardente não pode deixar de considerar que poderes trouxeram o universo e ele à existência e que poderes irão, ocasionalmente, destruir ambos. Ele pode até não chamar esses poderes de “deuses”, mas poderia, pois esses são poderes que, em última instância, exercem controle sobre ele e não ele sobre eles. Um ateuista rejeita a ideia de um Criador pessoal e conclui que matérias e forças cegas, impessoais e inconscientes são responsáveis tanto por sua existência quanto pela existência do universo. Desse modo, ele destrói, a um só tempo, toda a esperança de que haja algum propósito por trás de sua existência. Mas, logo em seguida, ele descobre que não é possível existir sem um propósito pelo qual viver, sem algo maior no qual acreditar, sem valores supremos para honrar e sem nenhuma causa à qual se dedicar e, caso necessário, pela qual se sacrificar. E, já que ele não pode viver para o único e verdadeiro Deus nem servi-lo, ele se apega a propósitos e a objetivos

menores: alguns grandes e nobres e outros pequenos e ignóbeis. Ele não chama esses propósitos e objetivos de “deuses”, mas poderia, pois são coisas muito parecidas, no final das contas.

Pelo curso da história, as pessoas fizeram uma deusa do sexo (os gregos a chamavam de Afrodite), um deus do álcool (os gregos o chamavam de Dionísio ou de Baco), um deus da guerra (lembra-se dos deuses da guerra teutônicos que tanto inspiraram os alemães no passado?), um deus do dinheiro, do prazer, da fama, um deus do Estado, ou mesmo, um deus de si próprios (como fizeram muitos ditadores totalitários). Confrontado com as vicissitudes aparentemente incontáveis da vida, o ateu comum normalmente decide que tudo é controlado pelo acaso e, quando compra um bilhete de loteria, ele torce para que o Acaso sorria para ele. Muitos dos antigos gregos pensavam da mesma forma e fizeram do acaso uma deusa, que chamavam de Tique. E os evolucionistas, tanto os antigos quanto os modernos, sustentam que é o acaso, em última instância, o responsável pela aparência dos seres humanos. Outros adotam a visão oposta de que os seres humanos são máquinas predeterminadas e que o livre-arbítrio não passa de uma ilusão. Igualmente, o mundo antigo tinha um nome para isso, chamaram-no de Destino e também fizeram dele um deus.

Séculos de experiência demonstraram que a questão não é se vamos acreditar em Deus ou não, mas, se vamos acreditar no único e verdadeiro Deus que afirma ter-nos criado ou em uma ou muitas dessas coisas que transformamos em deuses substitutos.

Devemos, então, começar examinando o que a

Bíblia quer dizer quando fala da santidade do único e verdadeiro Deus. Mesmo um ateuista pode achar instrutivo comparar seu caráter e suas qualidades com aquelas das deidades substitutas.

É claro que tão logo tenhamos admitido a possibilidade de que nós – seres humanos – fomos criados por um Deus pessoal e santo, a questão do pecado (que é nosso segundo termo técnico) irá surgir na discussão. Pois bem, toda pessoa mentalmente saudável é contrária ao crime e tem a forte convicção de que devemos lidar com ele de forma justa e firme, daí os presídios e as instituições psiquiátricas. Mas os criminosos não são mais do que uma pequena parcela da população total. Muito mais significativo é o fato de que qualquer indivíduo é, em um grau menor ou maior e em um momento ou outro, moralmente falho. Não há uma única pessoa em toda a face da Terra que seja moralmente perfeita. Criminosos certamente causam muitos problemas e sofrimentos, mas o indivíduo médio sofre muito mais com o egoísmo, com o mau humor e com a falta de razão que tornam até a convivência com o seu melhor amigo difícil e complicada; com a infidelidade, a maldade, a crueldade mental e a violência física que desmantelam uma família, levam ao divórcio e traumatizam as crianças. E é uma lição clara da história que, em muitos países e ao longo dos séculos, o povo sofreu muito mais em razão das falsas promessas dos políticos, das falsas filosofias e da opressão das classes governantes do que em razão dos atos dos criminosos que esses governantes jogaram na prisão.

Como foi, então, que todos nós – sem nenhuma exceção – somos moralmente falhos e limitados?

Devemos resumir e simplificar tudo à nossa genética, dizer que não temos como evitar, afastar para longe toda a responsabilidade e fazer de nós mesmos meras máquinas? Uma coisa é certa: a menos que possamos chegar a um diagnóstico adequado e verdadeiro do que está errado em nossa moralidade, não poderemos ter qualquer esperança realista de melhorar – e menos ainda de se curar.

Devemos, portanto, examinar o diagnóstico bíblico do que está errado com o homem. “Pecado” é o termo mais amplo utilizado para nomear tanto a causa principal da doença quanto as suas diversas ramificações. Mas o termo “pecado” inclui também vários elementos que a Bíblia denomina através de termos especiais assim como os sintomas por eles causados, que também possuem vários nomes. Nós iremos, então, estudar tanto a causa principal quanto seus sintomas, para que assim possamos estar em posição de julgar quão realista é o esquema que a Bíblia propõe para lidar com eles.

O termo bíblico para esse esquema é, claro, “salvação”. Mas esse é um termo que irá demandar uma atenção detalhada e cuidadosa, já que não é, de modo algum, exagerado afirmar que a ideia popular do que o Novo Testamento quer dizer por “salvação” é, em pontos importantes, o exato oposto do seu real significado.

A concepção popular reduz o conceito de salvação a uma exortação para que vivamos uma vida moral e decente, melhorando nossos hábitos diariamente, guiados por uma esperança vacilante de irmos para o céu, acompanhada de um terrível temor de acabarmos no inferno. O problema com essa ideia é que para

muitas pessoas ela parece correta. Para você ir para o céu, elas argumentam, é óbvio que você tem de ser bom. Se você não for bom, você obviamente não irá para o céu. E essa ideia está tão enraizada em suas mentes que elas nem ao menos sentem a necessidade de ler o Novo Testamento para descobrir o que ele diz. Elas simplesmente presumem que ele dirá o que elas esperam que ele diga.

Mas o fato é que o Novo Testamento ensina o exato oposto dessa concepção popular. O termo “salvação” não é apenas outro nome para um código moral que é necessário observar para sermos aceitos por Deus e para garantir um lugar no céu. “Salvação” significa exatamente o que a palavra diz. É tão simples quanto pode ser. É uma operação de resgate que Deus efetua para salvar aqueles que nunca poderiam se salvar por conta própria, não importa quanto tentem. Não é um conselho sobre como fazer boas obras em número suficiente para se qualificar para o céu. O Novo Testamento aberta e repetidamente declara que a salvação não é por obras: é um presente de Deus para aqueles que nunca poderiam pagar por ele, ou mesmo, merecê-lo.

Isso está relacionado com as palavras que o Novo Testamento usa (e que devemos examinar mais tarde) para descrever os inúmeros elementos que compõem a salvação. “Expiação” é uma delas e denota o preço que Deus já pagou – e não o que nós temos de pagar – com a finalidade de nos libertar da escravidão moral e espiritual e nos tornar livres. “Justificação” é outra. E também é fruto da graça de Deus e não das nossas obras ou méritos. E o seu efeito é o de nos acertar com Deus e nos colocar em paz com ele aqui e agora.

Portanto, longe de ter de viver sua vida se questionando se irá ou não ser aceita por Deus após sua morte, uma pessoa justificada pode viver sua vida com a alegre certeza de que ela já foi aceita por Deus. E o termo “reconciliação”, que nós também iremos examinar, irá enfatizar isso. O que Cristo fez tem o efeito de uma completa reconciliação entre Deus e o homem, para que aqui e agora – nessa vida – possamos ser levados à paz e à comunhão com Deus.

Isso nos coloca, aqui e agora, em posse e gozo da vida eterna, posto que, ao contrário do que diz a crença popular, vida eterna não é uma vida em que as pessoas entram apenas após a morte. É uma vida em que nós podemos entrar e desfrutar aqui nesse mundo; e devemos entrar nela agora ou jamais entraremos nela no mundo que está por vir.

Mas muitas pessoas, quando ouvem pela primeira vez alguém explicar a doutrina da salvação presente no Novo Testamento dessa forma, sentem que essa explicação está obviamente errada, senão absurdamente distorcida. Em primeiro lugar – eles dizem – se a salvação não é uma recompensa para as boas obras, mas simplesmente um presente dado às pessoas independentemente de terem elas feito coisas boas ou más, e sim apenas por terem crido, toda tentativa honesta de autoaperfeiçoamento acaba por ser minada. Na verdade – eles argumentam – se uma pessoa pudesse ter certeza absoluta de que já está salva por fé e não por obras, isso significaria que ela poderia viver o resto de sua vida de um modo moralmente irresponsável e ainda assim ser salva no final, o que moralmente não faz qualquer sentido.

É evidente que essas objeções têm alguma força

superficial, mas elas se fundamentam em um equívoco que é dissipado assim que abrimos o Novo Testamento e examinamos o que ele realmente diz. Não há nenhum livro em todo o mundo que insista na santidade mais do que o Novo Testamento. Nosso estudo sobre “santidade” irá, portanto, destinar-se a descobrir o que o Novo Testamento quer dizer quando recorre a esse termo; o que é considerada a única motivação aceitável para a santidade (que é também um dos motivos pelo qual se sustenta que a salvação deve ser um dom e não uma recompensa pela santidade); e quais poderes são oferecidos para as pessoas a fim de que uma vida de bondade genuína se torne uma possibilidade real.

Esse poder, afirma o Novo Testamento, está disponível com duas condições, das quais a primeira é o “arrependimento”. O significado desse termo pode parecer óbvio. Nós iremos descobrir, porém, que, no Novo Testamento, esse termo possui um significado infinitamente mais radical do que ele possui no dia a dia.

A segunda condição é a fé. Mas esse, segundo o pensamento de muitas pessoas, é o ponto fatalmente fraco do cristianismo. “A religião” – eles dizem – “depende totalmente da fé, enquanto a ciência lida com fatos. A ciência, portanto, tem uma base sólida. Ela pode ser colocada à prova. Mas o cristianismo não pode ser provado e, por isso, não tem nenhuma base digna de crédito”.

O que essas pessoas esquecem é que a própria ciência depende grandemente da fé e que muitas das teorias e interpretações do universo correntes estão fundamentadas não em fatos comprovados, mas em pressuposições filosóficas dos cientistas. Elas

esquecem também que todo relacionamento pessoal depende, em última instância, da fé. E como o Deus bíblico é um ente pessoal e não uma força impessoal nosso relacionamento com ele deve necessária e corretamente se basear na fé. A verdadeira questão é a seguinte: O que o Novo Testamento quer dizer com “fé”? Algo que nós certamente descobriremos é que fé não significa acreditar em algo cegamente e sem qualquer evidência. Afinal, a Bíblia oferece evidências em abundância para basearmos a nossa fé.

Por fim, devemos investigar o que a Bíblia quer dizer com a “segunda morte”. Isso diz respeito ao que no linguajar popular é chamado de inferno. Para muitas pessoas a palavra “inferno” traz à mente imagens de demônios espetando pessoas para dentro de uma fornalha, o que as faz descartar o conceito como uma superstição primitiva. Não é necessário dizer que essa interpretação é uma distorção grotesca do que o Novo Testamento quer dizer com a “segunda morte”. É claro que a Bíblia ensina que Deus deve punir o pecado, não apenas por ser incondicionalmente santo e justo, mas também por ser amor em sua forma plena. Nenhuma pessoa moralmente correta, em uma sociedade civilizada, defende que o crime deva existir sem qualquer punição ou limite. Deus mantém a mesma visão sobre o pecado.

Nestes artigos, não iremos citar longas passagens da Bíblia, mas iremos citar referências. Gostaríamos de sugerir que seria de grande proveito procurar cada passagem, lê-la em voz alta e averiguar como ela dá apoio às afirmações feitas no livro.

2

Santidade

A Majestade, a Pureza, a Beleza e o Amor de Deus

Não há como negar que, para muitas pessoas, um simples pensamento a respeito de Deus pode causar grande incômodo e que a menor lembrança da santidade divina faz essas pessoas se sentirem ameaçadas. Deus, para elas, é um tirano onipotente e muito severo, determinado a restringir toda a liberdade humana e a negar-nos o acesso ao melhor da vida. Em decorrência disso, elas tentam se convencer de que Deus é um resquício negativo de um tempo anterior ao conhecimento científico e, então, se esforçam ao máximo para bani-lo de suas mentes — sem nunca obter sucesso total nessa tarefa.

Isso tudo, no entanto, é muito diferente do que pensam e sentem a respeito de Deus as pessoas cujas vidas são relatadas na Bíblia. Elas descrevem Deus como sua “*grande alegria*” (Salmo 43:4); e proclamam com entusiasmo o que elas acreditam ser as virtudes divinas. Elas também falam, é claro, de temer Deus no sentido de reverenciá-lo e de colocar-se de forma respeitosa diante dele. Mas esses sentimentos e

essas emoções não são o acovardamento temeroso de escravos em pânico, e sim a reação saudável de criaturas inteligentes diante da pureza, do poder e da majestade de seu onipotente Criador. Mesmo cientistas ateus se sentem, às vezes, intimidados diante da vastidão, da complexidade e da estonteante beleza do universo. E quais são os pais que nunca se sentiram maravilhados com a perfeição dos dedinhos de seus filhos recém-nascidos, com aquelas unhas minúsculas?! Não surpreende, portanto, que haja na Bíblia homens e mulheres convidando, com grande entusiasmo, uns aos outros para adorar o Senhor na beleza da sua santidade (ver 1 Crônicas 16:29).

A santidade de Deus é, então, em primeiro lugar, uma forma de descrever a relação do Criador com o universo por ele criado e com todas as suas criaturas, inclusive os seres humanos. Isso indica que:

1. Deus é um ser distinto e separado do universo. Ele não é parte de sua matéria-prima. Ele não é uma de suas forças; ele não é nem mesmo a maior de suas forças. Ele as criou; ninguém ou nada o criou. Ele já existia antes e independentemente delas. *“Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.”* (Colossenses 1:17) Ele sustenta, mantém e controla todo o universo: e ninguém o sustenta (ver Isaías 46:1-7). Ele não é o maior dos deuses em uma hierarquia de anjos (ainda que alguns pagãos tenham o tratado dessa forma). Os anjos não estão na mesma categoria de Deus. Eles são criaturas e ele o Criador. *“Não há santo como é o SENHOR; porque não há outro fora de ti.”* (1 Samuel 2:2)

2. Deus é o único Criador do universo. Ao contrário do que sugerem algumas religiões, ele não delegou

a tarefa de criar o universo e a humanidade para um deus ou agente inferior. O Verbo, segundo o qual todas as coisas foram feitas e sem o qual nada existiria, era o próprio Deus (João 1:1-3). A matéria e o homem não são produtos de segunda classe feitos por alguma deidade também de segunda classe. Eles possuem a honra de terem sido criados pelo ato voluntário do único e santíssimo Criador de todas as coisas.

“Assim diz o SENHOR, o Santo de Israel... Eu fiz a terra, e criei nela o homem; eu o fiz; as minhas mãos estenderam os céus e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens... Porque assim diz o SENHOR que tem criado os céus, o Deus que formou a terra... Eu sou o SENHOR, e não há outro.” (Isaías 45:11,12,18)

3. Como Criador do homem, Deus tem o direito exclusivo de ser adorado pelo coração humano, pois, o homem não apenas foi feito por Deus, mas foi feito também para Deus.

“E não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir... Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.” (Apocalipse 4:8-11) *“O SENHOR, teu Deus, temerás, e a ele servirás.”* (Deuteronômio 6:13)

É nisso que residem a dignidade e a glória do homem. A vida e a obra dos homens não são absurdas e inúteis, como ensinaram os filósofos existencialistas. Fazer a vontade de seu Criador dá ao homem o único objetivo que é, em última análise, grande o bastante para satisfazer igualmente seu intelecto, suas emoções

e seus esforços.

É nisso também que se reside a liberdade humana. Adorar a qualquer um, ou qualquer coisa, que não seja Deus, sempre acaba por degradar e escravizar o espírito humano. Os primeiros cristãos foram eventualmente confrontados com um governo totalitário que demandava que eles adorassem o chefe de Estado. Porém, os apóstolos lhes ensinaram a não temer o governo e a santificar a Cristo como o Senhor de seus corações (1 Pedro 3:14-15). Isso significa que, no fundo de seus corações, eles deveriam estar conscientes da santidade do Filho de Deus e de seu direito exclusivo de ser adorado. E, na lembrança dessa santidade, eles encontraram a coragem necessária para enfrentarem as exigências idólatras de seus governos totalitários e para defenderem a liberdade de espírito de todo ser humano.

Chamar Deus de santo é também uma forma de se referir a sua absoluta e impressionante pureza. “O SENHOR é reto... e nele não há injustiça”, afirma o Velho Testamento (Salmo 92:15). “Deus é luz” — diz o Novo Testamento — “e não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5), nem intelectual, nem moral, nem espiritualmente. No campo físico é a luz física que concede cor às coisas. E nos campos intelectual, moral e espiritual é a luz da santidade de Deus que traz toda a beleza e sentido da vida. O pecado faz o contrário: ele entorpece as cores da vida, enfraquece a sua sensibilidade, escurece a mente e cega o espírito.

Por outro lado, a luz da santidade de Deus expõe o pecado. E não só expõe, pois a santidade de Deus não é simplesmente uma qualidade passiva, como um pilar de neve branca e pura congelada. Ela se expressa

ativamente na execução de sua justa indignação e no julgamento sobre o pecado humano. Às vezes, esse julgamento se revela pela execução das leis da natureza que Deus fez. Se o homem persiste na perversão sexual, por exemplo, ele acabará percebendo que a própria natureza se volta contra si e destrói seu corpo: *“recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro”* (Romanos 1:27). Outras vezes, Deus permite que desastres econômicos e políticos cheguem aos que se rebelaram contra ele. E, quando ele faz isso, a Bíblia diz que *“Deus, o Santo, será santificado em justiça”*, onde *“será santificado”* significa *“sua santidade será conhecida”*, sempre que ele julgar o pecado de forma reta e justa.

Nos dias do profeta Isaías, sua nação era culpada de injustiças e violência, de cruéis extorsões comerciais, de embriaguez obstinada, de perverter deliberadamente a moral e de desrespeitar completamente, bem como provocar Deus. Isaías, portanto, não só denunciou tais pecados: ele avisou a nação que Deus iria demonstrar a sua santidade, trazendo sobre eles o seu juízo e reduzindo a nação à ruína econômica, social e política:

“Então, o plebeu se abaterá, e o nobre se humilhará; e os olhos dos altivos se humilharão. Mas o SENHOR dos Exércitos será exaltado em juízo, e Deus, o Santo, será santificado em justiça... porquanto rejeitaram a lei do SENHOR dos Exércitos e desprezaram a palavra do Santo de Israel” (ver Isaías 5:7-30).

Mas devemos analisar a nós mesmos com cuidado. A santidade de Deus não denuncia apenas pecadores ultrajantes. Visto à luz de Deus, mesmo o melhor de nós se revela pecador. Quando o mesmo Isaías teve uma visão de Deus, cercado pelas hostes angelicais

que clamavam incessantemente: *“Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”*, o próprio Isaías foi inundado com um senso esmagador de sua natureza pecaminosa. Por isso, lamentou: *“Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o SENHOR dos Exércitos”* (Isaías 6:5). E é assim que qualquer um de nós se sentiria se tomássemos conhecimento da real santidade de Deus. A mentira, a hipocrisia, o engano, as conversas obscenas, a difamação, a calúnia, o sarcasmo, juntamente com todos os outros pecados iriam repentinamente ficar expostos como as coisas horríveis e corrompidas que realmente são. Assim, nós nos tornaríamos dolorosamente conscientes de que essa corrupção jamais deveria ser autorizada a entrar e contaminar a verdade e a beleza do paraíso de Deus.

Mas é precisamente neste ponto que encontramos um paradoxo extraordinário. As pessoas na Bíblia que experimentaram a dor de serem expostas à luz da santidade de Deus são exatamente as que, de repente, começam a falar com entusiasmo sobre como a luz de Deus é maravilhosa. Aqui vemos uma típica passagem:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós que, em outro tempo, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia” (1 Pedro 2:9-10).

Obviamente essas pessoas descobriram que a santidade de Deus não é simplesmente um poder negativo. É um poder positivo que, por seu amor e

por sua misericórdia, pode purificar os pecadores e transformá-los em santos.

Em Levítico 19, a primeira ordem de Deus a seu povo é: *“Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo”* (v. 2). Ele, então, lhes explica com muitos detalhes o que a santidade significa em termos práticos. E um desses termos é este: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR”* (v. 18). Santidade, então, significa amar, e Deus, que é supremamente santo, é supremamente amoroso, porque Deus é amor (1 João 4:16). Essa mesma característica da santidade de Deus aparece na declaração do santo e impressionante nome de Deus na Bíblia (ver Êxodo 34:5-7).

Terminamos este capítulo, portanto, salientando que as filosofias que violam a santidade do Criador inevitavelmente prejudicam o próprio homem:

- i. Ateísmo: recusando-se a reconhecer o Criador, os ateus são obrigados a considerar as forças impessoais e cegas da natureza como os poderes supremos que inconscientemente criaram, agora controlam e eventualmente irão destruir os seres humanos possuidores de moral e inteligência. O homem é, portanto, o prisioneiro das forças materiais do universo. Sua inteligência é desvalorizada. Ele é privado de qualquer razão e propósito em sua existência e é destituído de qualquer esperança e objetivo finais.
- ii. Panteísmo: o panteísmo identifica Deus com a criação. Ele ensina que o universo é Deus, a Terra é Deus, o sol é Deus, o homem é Deus, os animais são Deus, tudo é Deus. Mas, se tudo é Deus, então, o mal moral assim como o bem moral são Deus. E isso é falso. Quando Deus criou o mundo, ele viu

que tudo que havia feito era bom (Gênesis 1:31). Deus não pode ser identificado com o mal moral. Ele é santo. E nesse fato reside certa esperança de que um dia o mal será vencido.

Se o mal fosse Deus, como o panteísmo ensina, não poderia haver esperança de que o mal será um dia superado. O panteísmo não apenas é falso: é, a despeito de sua aparente atratividade, a pior forma de pessimismo.

iii. Várias formas de reencarnacionismo: algumas religiões e filosofias religiosas afirmam que a matéria é essencialmente má. Elas ensinam que o Deus supremo nunca teria criado a matéria. O que ele fez, segundo essas doutrinas, foi criar deuses menores que, assim como ele, possuíam o poder de criar. E tais deuses menores, por sua vez, criaram deuses ainda menores e, eventualmente, um desses deuses de forma muito imprudente criou o universo material e os seres humanos. Os seres humanos são, assim, uma mistura infortuna de alma (que é boa) e matéria (que é ruim). A matéria infecta e contamina a alma e a arrasta para um mau comportamento que, por sua vez, envolve a pessoa em um sofrimento inevitável. Se esse sofrimento não for esgotado até a pessoa morrer, a alma estará condenada a ser reencarnada em outro corpo material. Então, se nesta vida a pessoa for culpada de mau comportamento, ela está condenada a um sofrimento maior nas suas próximas reencarnações. A única esperança é que, de uma forma ou de outra, a alma possa esgotar-se de todo o sofrimento, mantendo-se absolutamente livre de ainda mais pecados, e assim voltar ao mundo puro das almas

e escapar de outras reencarnações em corpos materiais.

Essa doutrina infringe duplamente a santidade de Deus, pois a) existe apenas um Criador e não múltiplos criadores menores; b) a matéria não é essencialmente má, mas essencialmente boa, como vimos. E os problemas do homem não nascem do fato de que ele possui um corpo material e, sim de seus pecados abusivos de seu livre-arbítrio e de sua desobediência a Deus.

Além disso, esta doutrina não é apenas falsa, mas também muito cruel. Ela ensina que, se uma criança nasce com alguma deficiência, isso é o resultado de pecados cometidos em encarnações anteriores. Se, depois de todas essas — possíveis — milhares de reencarnações, a criança ainda não esgotou o sofrimento dos pecados do passado, qual a esperança que a criança possui de fazer algo para que esse sofrimento seja esgotado na vida presente — sem falar na possibilidade de que ela vai cometer ainda mais pecados nesta vida e assim aumentar a inevitável necessidade de mais reencarnações?

Essa doutrina, então, é uma monstruosidade da mentira e da crueldade. O homem não é salvo por seus próprios sofrimentos, mas pelos sofrimentos de Cristo:

“Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados” (Isaías 53:5).

Tampouco as pessoas precisam viver sua vida com medo de uma série de divindades menores, irresponsáveis, e muitas vezes maléficas. Há apenas

um Deus e ele nos ama e oferece a si mesmo como nosso Salvador:

“Nada sabem os que... rogam a um deus que não pode salvar... Não há outro Deus senão eu; Deus justo e Salvador não há fora de mim. Olhai para mim e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Isaías 45:20-22).

“Porque eu sou o SENHOR, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador (Isaías 43:3) ... Ele será chamado o Deus de toda a terra” (Isaías 54:5).

CONCEITOS-CHAVE DA BÍBLIA

Como pode um livro ser tão amplamente apreciado e tão contestado? Milhões fazem reverência à ela, e muitos a ridicularizam, mas muitas vezes a Bíblia não é permitida falar por si própria. Conceitos-Chave da Bíblia explora e esclarece os termos centrais do evangelho Cristão. Gooding e Lennox fornecem explicações sucintas do vocabulário básico do pensamento Cristão para desvendar o significado da Bíblia e a sua relevância para hoje.

Para aqueles que pensam que a doutrina é maçante e seca, este livro é o antídoto. Gooding e Lennox explicam grandes verdades eternas de uma forma clara, fresca e viva. Isso me lembrou da descrição de Deus do efeito da boa doutrina no cântico de Moisés: “Goteje a minha doutrina como a chuva, destile o meu dito como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva” (Dt 32:2). Boa doutrina refresca. Isso é exatamente o que este livro faz!
—Dr Lindsay Brown.

ENCONTROS MYRTLEFIELD

Encontros Myrtlefield são estudos complementares da literatura bíblica, ensinamento Cristão e apologética. Os livros desta série engajam as mentes dos crentes e cépticos. Eles mostram como Deus tem falado na Bíblia para abordar as realidades da vida e suas questões, seus problemas, sua beleza e seu potencial.



David W. Gooding é Professor Emérito do Velho Testamento Grego na Universidade de Queens, Belfast e um membro da Academia Real Irlandesa.



John C. Lennox, Professor de Matemática na Universidade de Oxford, é um orador de renome internacional na interface da ciência, filosofia e religião.

myrtlefieldhouse.com
editoraverdade.com.br

ISBN 978-85-64006-08-9



9 788564 006089



 A Verdade

